

EDUARDO LOURENÇO

Maria de Lourdes Soares

Eduardo Lourenço nasceu a 23 de Maio de 1923, em São Pedro do Rio Seco, distrito da Guarda (Portugal). Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas em 1946, na Universidade de Coimbra, onde foi assistente de Filosofia de 1947 até 1953. A seguir foi leitor de língua e cultura portuguesas, sucessivamente, nas Universidades de Hamburgo (1953-1954), Heildelberg (1954-1955) e Montepellier (1955-1958). De 1958 a 1959, como professor convidado, lecionou Filosofia na Universidade da Bahia, em Salvador (Brasil). Retornando à Europa, foi leitor nas Universidades de Grenoble (1960-1965) e Nice (1969-1988). Nesta última universidade, tornou-se *maitre-assistant* e professor associado. Atualmente, reside em Vence, no caminho para os Alpes Marítimos (França). Profundo conhecedor da cultura portuguesa e das questões mais inquietantes do nosso século, colabora regularmente em diversos jornais e revistas com artigos que se destacam pelo brilho da escrita e a lucidez do pensamento. Como convidado especial, tornou-se presença ansiosamente aguardada em Congressos realizados em diversos países no âmbito da cultura lusíada e da lusofonia.

O convite para lecionar na Universidade da Bahia chegou-lhe por intermédio do Instituto de Alta Cultura. Deve-se a Hernani Cidade, amigo do reitor Edgard Santos e um dos intelectuais portugueses interessados nas relações entre Portugal e o Brasil, a indicação do seu nome para reger a cadeira de Filosofia Moderna.

Ao chegar à Bahia, em 1958, Lourenço já havia descoberto literariamente o Brasil de Jorge Amado, Rachel de Queirós, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, cujas obras foram lidas por sua geração. Durante o período brasilei-

ro, conheceu pessoalmente o autor de *Gabriela, Cravo e Canela* num almoço na casa de um fazendeiro, e assistiu à entronização do escritor baiano como pai-de-santo, espantando-se por ver um comunista envolvido com candomblé. Em Salvador, travou contacto com artistas estrangeiros, como o fotógrafo Pierre Verger e o maestro Koellreutter, e, mais intensamente, com jovens intelectuais, como Glauber Rocha, um entusiasmado estudante na Universidade da Bahia, e o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, que o levou a uma festa de Iemanjá e a um ritual de candomblé.

Graças a Glauber Rocha, tomou conhecimento da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, publicada dois anos antes. O futuro criador de *Deus e o Diabo na terra do Sol*, na época, havia filmado apenas o curta-metragem *Pátio*. Lourenço assistiu a esse filme e esteve presente na cerimônia de casamento do jovem cineasta com a linda Helena Ignez, atriz de *Pátio*. Provavelmente por intermédio de Glauber, colaborou com artigos num jornal da Bahia, recém-fundado. Foi também na Bahia que o ensaísta começou a interessar-se pelo Barroco em geral (as referências explícitas a Vieira são mais recentes), conservando inédito um estudo sobre o assunto.

Além de atuar como membro da Comissão Organizadora do 4o Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Salvador, em 1959, apresentou três trabalhos em diferentes áreas: Literatura, Belas Artes e Medicina. O estudo de Literatura, abordando a moderna literatura portuguesa, teve como relator Jorge de Sena, que veio para o Brasil por ocasião do referido Congresso, quando Lourenço já estava para deixar o país.

No período brasileiro, encontrou-se, portanto, com Jorge de Sena e com outros intelectuais portugueses, muitos dos quais haviam emigrado por incompatibilidade política com o salazarismo. Alguns já eram seus amigos em Portugal; outros, como Agostinho da Silva, conheceu quando viajou a Santa Catarina, com o propósito de visitar Eudoro de Sousa. Conviveu também com Vitorino Nemésio, o amigo açoriano, e Adolfo Casais Monteiro, poeta e ensaísta a quem, segundo a esposa baiana e o amigo Jorge de Sena, o Brasil teria adoçado muito.

Convidado a colaborar no *Portugal Democrático*, de São Paulo, jornal de oposicionistas portugueses que viviam no Brasil, publicou, com o pseudônimo de “Criticus”, o artigo “A Nova República deve nascer adulta”, em março de 1959. Nesse Estado, a convite de Soares Amora, assistiu à fundação da

Faculdade de Assis. No ano seguinte, portanto após deixar o Brasil, publicou no *Portugal Livre*, também de São Paulo, o ensaio “Brasil – caução do colonialismo português”, onde podemos encontrar as primeiras reflexões do ensaísta sobre o tema das relações luso-brasileiras.

Ao retornar à Europa, em 1959, levou consigo outra imagem do Brasil, construída a partir do confronto da imagem literária que trazia dos tempos de Coimbra com a própria realidade do país, aprendida e apreendida graças aos novos contactos com a intelectualidade brasileira, com os emigrados portugueses e com as obras de diversos intérpretes do Brasil, na ficção, no cinema e no ensaio. A partir dessa experiência em terras brasileiras, começou a ganhar mais consistência o seu pensamento sobre a problemática da identidade portuguesa, questão nuclear de *O labirinto da saudade*, de 1978 (embora já em “Europa, o diálogo que nos falta”, de 1949, tenha analisado as relações entre a cultura portuguesa e a europeia, reflexão mais tarde desenvolvida em *Nós e a Europa*, 1988), e sobre as complexas relações luso-brasileiras, analisadas sobretudo em “Imagem e miragem da lusofonia”, conjunto de ensaios de que integra a segunda parte de *A nau de Ícaro*, de 1999. Os títulos de alguns desses artigos já adiantam e sintetizam o diagnóstico do autor acerca da distância cultural entre os dois países: “Nós e o Brasil: ressentimento e delírio”; “Uma língua, dois discursos”; “Portugal-Brasil: um sonho falso e um único sonhador”. No discurso cultural português, Lourenço aponta a insistência no mito da fraternidade luso-brasileira; no discurso cultural brasileiro, a rasura consciente ou inconsciente das raízes lusitanas. Portanto, os discursos culturais dos dois países são nitidamente dissimétricos e a questão colonial, mal-resolvida até hoje, encontra-se no centro das labirínticas relações luso-brasileiras ou não-relações.

Bibliografia ativa:

- LOURENÇO, Eduardo. *O fascismo nunca existiu*. Lisboa: Dom Quixote, 1976.
- _____. Portugal e Brasil, o imaginário e o real. Entrevista a José Márcio Mendonça. *Jornal da Tarde*, Caderno de Sábado, 17 de agosto de 1996, p. 3
- _____. A raiz portuguesa da cultura brasileira foi a mais recalçada. Entrevista a Cristiane Costa. *Jornal do Brasil*, Idéias/Livros, 21 de agosto de 1999, p. 3.
- _____. *A nau de Ícaro* seguido de *Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.

Bibliografia passiva:

- BAPTISTA, Maria Manuel. Eduardo Lourenço: da emigração como viagem ou o trágico de uma nação. *Revista da Universidade de Aveiro*, no 15, 1998, p. 139-160.
- BARROS, André Luiz. Desbravador dos mitos e da alma luso-brasileiros. *Jornal do Brasil, Caderno B*, 24 agosto 1996, p. 1.
- CRUZEIRO, Maria Manuela. *Eduardo Lourenço: o regresso do corifeu*. Lisboa: Editorial Notícias, 1997.
- GIL, José & CATROGA, Fernando. *O Ensaiosmo trágico de Eduardo Lourenço*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.
- SOARES, Maria de Lourdes. Eduardo Lourenço e o Brasil: sertões e labirintos. Simpósio Internacional Brasil 500 anos: caminhos da História, síntese de culturas. Maceió: UFAL, 2000 (inédito)
- _____. Eduardo Lourenço e o Brasil de Jorge Amado. *Congresso Anos 30 - 70 anos de Jorge Amado*. Salvador: UFBA - Fundação Casa de Jorge Amado, 25 a 28 de novembro de 2001 (inédito).
- _____. Eduardo Lourenço e as labirínticas relações Brasil-Portugal. VIII Congresso da ABRALIC. Belo Horizonte, UFMG, 2002 (inédito).
- VELOSO, Carlos. Ler Eduardo Lourenço em Nova Iorque: inquérito sobre a possibilidade de uma identidade portuguesa. 6º AIL. Rio de Janeiro: UFRJ-UFF, agosto de 1999.